

## ARTIGO

### "Casamento com Jesus Cristo": moralidades, religião e políticas de gênero no caso "Catty Lares"

**Yuri Alexandre Estevão-Rezende<sup>1</sup>**

> [yurirezende14@hotmail.com](mailto:yurirezende14@hotmail.com)  
ORCID: 0000-0002-6613-9959

**Leandro de Oliveira<sup>1</sup>**

> [leandroclam@yahoo.com.br](mailto:leandroclam@yahoo.com.br)  
ORCID: /0000-0002-2793-0959

**Marília Loureiro Basílio<sup>1</sup>**

> [loureiro.mlb@gmail.com](mailto:loureiro.mlb@gmail.com)  
ORCID: 0009-0000-7314-4441

**Nora Dalva Arantes Lima<sup>1</sup>**

> [nonoaranteslima@gmail.com](mailto:nonoaranteslima@gmail.com)  
ORCID: 0009-0003-6642-2759

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

**Resumo:** Nos últimos anos, no Brasil, um fenômeno que tem atraído atenção de um público mais amplo é a “destransição” de pessoas travestis e transexuais. No país, as redes sociais tornaram-se uma arena na qual tais processos circulam e expõem reações de diversos atores sociais, que dizem respeito a gramáticas morais, religiosas e políticas no que tange a concepções de gênero. Abordaremos essa problemática a partir do caso de destransição pública, com ampla repercussão na mídia, do influenciador digital Manuel, anteriormente conhecido nas mídias sociais como “Catty Lares”, que em abril de 2023 anunciou ter se “casado com Jesus”. Buscamos mapear as narrativas que se desenrolam nas redes sociais a partir desse fato e de que maneiras estas se constituem como discursos morais, religiosos e políticos que podem reforçar ou tensionar noções de gênero. Nosso objetivo é explorar, a partir desta controvérsia, as relações entre “destransição”, religião, cisgêneridade e homotransfobia.

**Palavras-chave:** Gênero; Destransição; Narrativas; Religião; Moralidade; Políticas Sexuais.

### **“Marriage to Jesus Christ”: moralities, religion, and gender politics in the “Catty Lares” case**

**Abstract:** In the last years, the “detransition” of transgender and transvestite individuals became a phenomenon that has drawn attention from a broader audience in Brazil. In the country, social media is an arena where these processes circulate and reveal reactions from various social actors, addressing moral, religious, and political grammars concerning gender conceptions. We will approach this issue through the case of the public detransition, widely covered by the media, of the digital influencer Manuel, formerly known on social media as Catty Lares, who in April 2023 announced that he had “married Jesus.” We aim to map the narratives unfolding on social media from this event and the ways in which these constitute moral, religious, and political discourses that can reinforce or challenge notions of gender. Our goal is to explore, through this controversy, the relationships between “detransition,” religion, cisgenderism, and homotransphobia.

**Keywords:** Gender; Detransition; Narratives; Religion; Morality; Sexual Politics.

### **Matrimonio con Jesucristo”: moralidades, religión y políticas de género en el caso “Catty Lares”**

**Resumen:** En los últimos años, en Brasil, un fenómeno que ha llamado la atención de un público más amplio es la destransición de travestis y transexuales. En el país, las redes sociales se han convertido en un espacio en el que circulan tales procesos y exponen reacciones de diferentes actores sociales, que involucran gramáticas morales, religiosas y políticas respecto de las concepciones de género. Abordaremos este tema a través del caso de ‘destransición’ pública, con amplia repercusión mediática, del influencer digital Manuel, anteriormente conocido en las redes sociales como ‘Catty Lares’, quien, en abril de 2023, anunció haberse ‘casado con Jesús’. Buscamos mapear las narrativas que se desarrollan en las redes sociales a partir de este hecho y de qué manera constituyen discursos morales, religiosos y políticos que pueden reforzar o tensionar las nociones de género. Nuestro objetivo es explorar, a partir de esta controversia, las relaciones entre ‘destransición’, religión, cisgénero y homotransfobia.

**Palabras-clave:** Género; Destransición; Narrativas; Religión; Moralidad; Políticas sexuales.

## “Casamento com Jesus Cristo”: moralidades, religião e políticas de gênero no caso “Catty Lares”

### Introdução

Aos 21 dias do mês de maio de 2023, o influencer digital Manuel, conhecido anteriormente como Catty Lares (até então, autodeclarada mulher trans), com mais de um milhão e setecentos seguidores em seu Instagram, em vídeo, declara publicamente sua *destransição*<sup>1</sup> de gênero a partir de uma espécie de chamado para a vida ou “casamento com Jesus Cristo”. Naquele dia e nos próximos, uma série de pessoas se mobilizaram em torno do caso nas redes sociais, expressando, tanto apoio a *destransição* de Manuel, quanto questionando o papel da religião nos processos de produção de pânico morais e perseguição a pessoas LGBTI+ no Brasil.

Na semana seguinte, este caso suscitou um debate no âmbito da disciplina de graduação “A construção social da homofobia”, ofertada por Leandro de Oliveira e Yuri Estevão-Rezende (estagiário docente de doutorado) no Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais, e na qual Marília Basílio realizava seu estágio docente de mestrado. Este debate surgiu como desdobramento de uma discussão sobre o texto clássico de Rubin (1984) e de um dos primeiros trabalhos sobre “cura gay” publicados por Natividade (2006). Três estudantes reagiram às discussões mencionando o caso de *destransição* de Catty Lares – que, curiosamente, havia sido comentado nos corredores da FAFICH entre Estevão-Rezende e Basílio, algumas horas antes. Para nossas(es/os) estudantes, o caso evidenciava uma nova configuração na agenda política, religiosa e moral no Brasil, caracterizada por uma investida contra pessoas trans no país, que parecia rearticular discursos mais antigos acerca da “cura da homossexualidade/cura gay”, agora sob égide da *destransição*.

O caso em questão e as reações de estudantes em sala de aula se desdobraram em reflexões posteriores, conduzidas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Gênero e Sexualidades (GESEX/ UFMG), e na decisão de desenvolvê-las melhor no presente artigo. Esta empreitada, pautada por preocupações coletivas conduzidas linha de pesquisa “Políticas sexuais, moralidades e afetos” do GESEX/ UFMG, é orientada pelo

---

<sup>1</sup> A noção de «destransição» de gênero remete a controvérsias sobre ações destinadas à reversão de transformações corporais associadas à transição de gênero. De nossa perspectiva, a “*destransição*” é uma categoria que, em vez de ser definida a priori, deve ser investigada em seus usos, sua vida social, sua circulação e seus impactos sobre corpos, coletividades e direitos.

entendimento de que a construção de saberes científicos é articulada a processos políticos que demandam uma reflexão sobre a posicionalidade dos pesquisadores.

Leandro de Oliveira é um homem gay, branco e cisgênero, oriundo de uma favela da cidade Rio de Janeiro; tendo crescido em um ambiente marcado pela homofobia, aderiu lenta e progressivamente a perspectivas e posicionamentos críticos à discriminação e ao preconceito sexual. Marília Loureiro Basílio, mulher cisgênero, bissexual e branca, provém de uma família de classe média baixa, cresceu em um município conservador no interior do estado de Minas Gerais e convive, ainda hoje, com questões relativas à sexualidade com relação a sua família. Nora Dalva Arantes Lima é travesti, gorda, bissexual, neurodivergente e branca. Oriunda de uma família de classe média, foi criada em um ambiente rural e católico no interior de Minas Gerais, onde, ainda na adolescência, foi encaminhada por seus familiares para “terapias de conversão” da sexualidade promovidas pela Renovação Carismática. Yuri Estevão-Rezende, é homem cisgênero, gay, branco, crescido em uma família pobre e evangélica em Mariana (MG), com experiências de vida marcadas pela homofobia em espaços escolares e familiares. Não é casual que tenhamos nos conectado e passado a refletir e trabalhar em rede. As perspectivas analíticas que construímos são pautadas por intuições acerca das formas como o mundo opera e provém, ao menos em parte, de uma experiência pessoal e política construída ao longo de nossas trajetórias particulares como pessoas dissidentes da matriz “sexo-gênero-desejo” (Butler, 2003).

Ao admitir nossa posicionalidade, não estamos de modo algum sugerindo que o conhecimento científico seja desprovido de objetividade. Pelo contrário: partimos da premissa de que a explicitação do posicionamento social do sujeito do conhecimento é condição necessária para a construção de alguma objetividade, evitando a falácia da ciência neutra (Haraway, 1995; Oliveira, 2023). Esta problematização de nossa posicionalidade inclui um compromisso e esforço, por parte da autora e dos autores cisgênero que assinam o presente texto, em refletir criticamente sobre seu próprio lugar de privilégio como pesquisadoras/es cis. Nesse sentido, o presente trabalho não deve ser tomado como uma pesquisa que fala sobre pessoas trans a partir de perguntas e perspectivas de pesquisadores cisgênero, mas como um estudo exploratório sobre os processos de construção da cisheteronormatividade, produzido no diálogo intelectual entre pesquisadores cisgêneros e uma pesquisadora travesti que construíram coletivamente esse empreendimento.

Neste artigo, tomamos sob exame as intensas controvérsias que o caso citado de destransição gerou nas mídias sociais, ou seja, na análise de narrativas que emergem desse fato.<sup>2</sup> Ao seguir essas narrativas, em sintonia com a abordagem proposta por

---

<sup>2</sup> A noção de “narrativa”, em sentido estrito, se refere a processos de apresentação e ordenação de

George Marcus (1995) para a etnografia, compreendemos que, no cenário atual, tais práticas discursivas estão principalmente presentes nas plataformas sociais digitais. Em um contexto em que as fronteiras entre o tecnológico/digital e o “real” são borradas (cf. Haraway, 1991; Latour, 2012), essas narrativas nos oferecem pistas relevantes para se refletir sobre as relações e normas sociais em torno do gênero. Coletamos comentários publicados em vídeos do perfil de Manuel na rede social *Instagram*, com o objetivo de identificar gramáticas morais, religiosas e políticas presentes nestes discursos. Atentos à possibilidade de que alguns desses perfis fossem *bots*, constatamos neles a presença de fotos nas quais essas pessoas foram marcadas por outros perfis e informações contidas nas suas biografias sugestivas da autoria humana dessas postagens. Independentemente do fato de tais postagens serem de autoria humana ou geradas por *bots*, consideramos que tais postagens são indicativas da atenção cultural dedicada a esta controvérsia. A polêmica em torno do caso Catty Lares/Manuel está intrinsecamente conectada a uma arena social, política e cultural no Brasil em que a regulação do gênero e da sexualidade tem sido disputada coletivamente. Neste artigo nos interessa, justamente, refletir sobre a visibilidade e atenção pública conferidas à *destransição* na constituição desta controvérsia.

Neste texto, não temos a pretensão de falar sobre a *destransição* como experiência vivida, já que isso demandaria outro tipo de pesquisa; tampouco buscamos produzir generalizações precipitadas sobre as vidas de pessoas trans a partir de um caso específico. Nossa proposta, aqui, é de tomar as controvérsias em torno da *destransição* de Manuel como pistas para uma reflexão sobre embates em curso, no Brasil, no campo das moralidades e políticas sexuais. Como argumenta Giumbelli (2014), controvérsias públicas podem ser concebidas como momentos em que valores e definições de realidade constitutivos de uma sociedade, que normalmente operam de forma implícita, são expostos, negociados, transformados e/ou reafirmados.

A pesquisa sobre vidas individuais tem um histórico longo e controverso na Antropologia e nas Ciências Humanas de modo geral. Convém destacar que, estamos analisando a controvérsia gerada pela exposição pública dessa experiência, não a biografia

---

eventos a partir de sua relação com a temporalidade, que pode ter a pretensão de descrever ou contestar os modos como opera o mundo. Paralelamente, é preciso considerar que o senso de self do sujeito que narra é dependente das narrativas sobre si que este constrói, e também de uma malha de narrativas outras, em que ele se encontra desde sempre enredado (Rapport e Overing, 2000). Desta perspectiva, a narrativa ganha uma ubiquidade que a tornaria aproximável ao próprio conceito antropológico de “cultura”, sujeita aos ônus e bônus dessa analogia com uma categoria tão polissêmica e disputada. Cientes desta problemática, compreendemos as narrativas como discursos no sentido Foucaultiano, enquanto enunciados dotados de eficácia na constituição de sujeitos e objetos culturais. Como veremos adiante, os discursos mobilizados no caso Catty Lares operam galvanizando atenções coletivas em torno da noção de “destransição”, reforçando perspectivas cisheteronomativas ao longo deste processo.

ou a experiência pessoal de Manoel/Catty Lares. Apesar disso, a expectativa é que nossa abordagem possa contribuir para o campo dos estudos biográficos na Antropologia. Partilhamos com este campo de estudos a preocupação com a superação das dicotomias indivíduo-sociedade e agência-estrutura, entendendo que casos individuais podem ser particularmente rentáveis para a reflexão antropológica – tanto por tensionar visões generalizantes e estereotipadas sobre o funcionamento da cultura quanto por desconstruir concepções convencionais sobre biografias e trajetórias pessoais (Kofes, 2022; Gonçalves, 2012). O presente trabalho pode aportar intuições pertinentes ao este campo de estudos por problematizar efeitos político-culturais da exposição biográfica de vidas singulares no contexto de interação propiciado pelas novas tecnologias de comunicação.

Para uma melhor compreensão da polêmica suscitada pelo caso Catty Lares, é crucial levar em consideração o contexto contemporâneo no qual tais narrativas se desenrolam. O desenvolvimento e disseminação de novas tecnologias da informação e comunicação, notadamente ao longo da última década, criou condições propícias para a circulação veloz de imagens e narrativas (potencializadas, talvez, pela regulação estatal relativamente frouxa exercida sobre essas novas mídias). É preciso, ainda, considerar sua textura polifônica, em que comentários em redes sociais, notícias e artigos jornalísticos podem emergir em contraponto uns aos outros. Estas narrativas compõem um repertório de interpretações possíveis que podem ser acionadas em resposta à *destransição* de Manuel/Catty Lares, que parecem ser oriundas de (e/ou apelar a) categorias e segmentos sociais específicos. As reações variadas, que vão desde apoio incondicional a críticas fervorosas, oferecem uma janela para as complexidades, ambiguidades e conflitos que cercam as questões de gênero na sociedade brasileira.

### **Narrativas morais e religiosas sobre gênero partir de um caso de *destransição***

Aos 19 anos, a influencer cearense Catty Lares era uma pessoa pública em grandes redes sociais como Instagram e TikTok, compartilhando conteúdo de humor e vídeos curtos sobre seu dia a dia. No início de 2023, contudo, apagou todas as publicações de seus perfis, desativou suas redes sociais e passou cerca de três meses distante da internet. Em 19 de abril de 2023, retornou com a publicação de um vídeo gravado na véspera, em que anunciava na legenda a intenção de vir a público confessar seu amor por Jesus Cristo. Nesse retorno às redes sociais, modificou seu nome de usuário e passou a se apresentar como Manuel.

No vídeo em questão Manuel explica, em tom muito emotivo, que seu afastamento abrupto das redes sociais se deu em função de um encontro que teve com Deus. Ele relata que esse encontro aconteceu no dia 14 de fevereiro de 2023, e que nele Deus lhe pediu: “Tira tudo que não te convém!”. A primeira providência consistiu, portanto, na

interrupção de suas atividades como influencer na internet, reservando esse tempo para atividades religiosas. Ele relata, em seguida, que Deus tocou seu coração para que ele finalmente viesse a público falar sobre este processo pessoal e espiritual.

Em novo vídeo, postado em 21 de maio de 2024, o influencer fez um discurso sobre seu “casamento com Jesus Cristo” e sua conversão ao evangelho, acompanhado por imagens de um culto evangélico com a presença de sua mãe. Na sequência, o vídeo mostra Manuel chorando ajoelhado e, em seguida, sentado em uma cadeira para cortar seus cabelos longos, enquanto sua mãe chora com ele. Ao final, mãe e filho se abraçam emocionados. O vídeo em questão possui 730 mil curtidas e até maio de 2024 já contava com mais de 31,1 mil comentários.<sup>3</sup> Tais reações, variam desde expressões de objeção, pena e compaixão (por vezes externadas por usuários da rede que se apresentavam como pessoas LGBTI+), a um endosso e elogio irrestrito à *destransição*, passando por posições mais ambíguas de apoio à “decisão pessoal” de Manuel. Muitas dentre estas manifestações evocam discursos religiosos cristãos tanto para apoiá-lo quanto para criticá-lo, colocando a intersecção entre religião, gênero e sexualidade no cerne destas disputas:

Comentário 01: Triste ver que esse Deus só aceita quem está dentro dos padrões que a igreja... ops! Que Deus quer. Anyway. Que Deus te abençoe, mana! O verdadeiro Deus te aceita como você é lá no fundo. Não tenha dúvidas. Deus é amor e aceitação de todas as diferenças.

Comentário 02: Gloria a Deus, Jesus! Parabéns pela decisão de aceitá-lo! É a melhor escolha da sua vida! Da vida, Ele é o melhor.

Comentário 03: Eu fiquei tão triste ao ver essa notícia... Deus ama as pessoas do jeito que elas são e não do jeito que pastores/igrejas impõem.

Comentário 04 (em resposta ao comentário 03): Deus ama pessoas e não o pecado.

Comentário 05: Ser quem você é nunca foi um pecado e nunca será! Pecado é tentarem mudar você, viver em um mundo de mentira, onde acreditam que glorificar a Deus dentro de uma igreja é a salvação. Mas dentro e fora dele não propagam o bem, o cuidado ao próximo, o amor pelas pessoas, pela natureza,

---

<sup>3</sup> “Curtidas” são um modo de interação existente no *Instagram* e outras redes sociais, por meio do qual pessoas que visualizaram uma publicação expressem interesse e aprovação ante o conteúdo daquela postagem, logadas a partir de sua própria conta/perfil. Destacamos que os comentários apresentados neste artigo estão numerados considerando sua ordem de aparecimento no artigo, agrupados por eixos temáticos. Optamos por não associar diretamente estes comentários às contas responsáveis por sua autoria, de modo a minimizar uma exposição desnecessária de seus usuários. Contudo, registramos adiante alguns comentários produzidos por contas mantidas por figuras públicas conservadoras, com elevado número de seguidores, considerando assim, sua relevância.

pelos animais, agradecer pela sua vida e pelo bem que faz. Deus está nessas pequenas coisas! Se você não era assim antes da igreja, ela não irá mudar tudo isso que nasce com a gente! Fica em paz!

No conjunto acima, os comentários 02, 04 e 05 parecem estar alinhados a perspectivas religiosas conservadoras. Os comentários 01 e 03 parecem, em um primeiro nível, se opor ou ao menos se distanciar dos demais, mas mantêm a religião em um lugar de destaque, tal como os primeiros. Tudo se passa como se o que estivesse sob disputa nesta controvérsia não fosse propriamente o “fato” da *destransição* de Manuel, mas entendimentos divergentes acerca do modo como preceitos religiosos cristãos deveriam, ou não, regular as conexões entre sexo, gênero e desejo.<sup>4</sup>

Alguns desses comentários remetem a um formato semelhante ao de *testemunhos* evangélicos, embora transpostos para o espaço de interação digital. Assim, eles preservam um caráter dos testemunhos em contextos religiosos presenciais à medida que mantêm uma linguagem coletiva constituída por meio do compartilhamento de experiências pessoais e intensas de transformação do self (Mafra, 2000). Estas postagens, tal como as acima mencionadas, expressam concepções de gênero e sexualidade moldadas por moralidades religiosas, e parecem extrair força retórica adicional de uma (suposta ou efetiva) conexão direta com a experiência vivida dos autores da postagem:

Comentário 06: O “não” à homossexualidade não é o “não” a você! Eu vivi 10 anos dentro do mundo homossexual e achava que eu era aquele mundo, mas não sou! Eu sou (nome do usuário 10), criado à imagem e semelhança de Deus. Não sou um animal racional, Deus não é animal racional e se sou a imagem e semelhança dele, não o que DIZEM que eu sou. Eu sou o que Deus me chama a ser! Levanta essa cabeça, deixe Deus tocar este coração e curar a sua afetividade, conte comigo! Você é a imagem e semelhança de Deus!

Comentário 07: Eu tomei a mesma decisão. Fui homossexual por 12 anos, era *drag queen*, rainha da parada gay e extremamente atacado! Porque tive mesmo um encontro com Jesus. É algo lindo, transbordante! Conhece da sua graça só sabe quem já conheceu o Santos do Santos. Renunciei a homossexualidade por amor a Cristo, pois a graça dele me bastava e isso já faz 5 anos. Entendo todo o processo que você está passando e que o Senhor Jesus te abençoe. Persevere grande e faça a obra na sua vida.

Comentário 08: Eu também tive essa visita de Jesus no meu quarto em 2016,

---

<sup>4</sup> Butler caracteriza a “matriz heterossexual” como uma construção histórica que prescreve conexões necessárias entre sexo-gênero-desejo, em que “para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (...) é necessário um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade” (Butler, 2003, p. 216).

sou ex-travesti. Muitos falavam: “você precisa de psicólogo, terapeuta e psiquiatra”. E eu só precisei de Jesus. E para a honra e glória Dele estou aqui, como prova viva que Jesus TRANSFORMA! ELE VIVE!

Comentário 09: Sou ex-travesti! Me alegro com sua mudança, fazia programas e tomava hormônios. Hoje sou homem de Deus.

Estes depoimentos operam com premissas mais ou menos implícitas acerca de uma verdade sobre o que seria a essência do ser humano, rejeitando um estado (transitório) “mundano”, antinatural e pecaminoso em favor de uma concepção cristã da pessoa, considerada simultaneamente *natural e moralmente correta*. Tais discursos/testemunhos reforçam uma visão cisheteronormativa do gênero e da sexualidade, que compreende o sujeito como necessariamente cisgênero e heterossexual. Estes testemunhos públicos parecem ser acionados para autenticar a *destransição* de Manuel, tomada como exemplo e evidência da possibilidade de conversão e de uma vida em Cristo.

Acionando discursos religiosos, as postagens colocam em disputa a verdade sobre o gênero e a sexualidade e as “mentiras” que supostamente a encobrem. Como efeito, também acabam naturalizando a cisgeneridade e retratando a transição de gênero como dissidência, fantasia ou “mentira”. Pode-se argumentar que a própria noção de *destransição* de gênero não descreve adequadamente estes discursos de inspiração religiosa conservadora; eles parecem operar em maior sintonia com a noção cristã de *restauração* do gênero e da sexualidade (Natividade, 2006). Desta perspectiva, a transição é negada como suporte legítimo para a constituição de subjetividades e identidades, apresentada como uma farsa que encobriria a verdade de uma diferença sexual imante à ordem da natureza e inscrita de forma indelével nos corpos. Opera-se, ainda que de forma mais ou menos implícita, com a premissa de que as diferenças de gênero deveriam espelhar o “sexo biológico” – ou seja, simplesmente expressar um dualismo cujo fundamento é o dimorfismo sexual da espécie humana, tomado como um dado objetivo da realidade. Vejamos alguns exemplos:

Comentário 10: Graças a Deus ele voltou a sua origem. Lindo demais!

Comentário 11: Dt 22:5: A mulher não usará roupa de homem, nem o homem, veste peculiar à mulher; porque qualquer que faz tais coisas é abominável ao SENHOR, teu Deus.

Comentário 12: Uma coisa eu sei, a bíblia, a palavra de Deus fala que Deus criou homem e mulher. Amém! Macho e fêmea, sexo feminino e masculino, simples assim... é bíblico.

Comentário 13: Deus é contigo! Saiba que você é homem de Deus, não menina. Seja forte, Jesus tem o melhor para você!

Comentário 14: Muito bem! O melhor que fez foi seguir a bíblia. Deus te quer assim, como ele te fez!

Comentário 15: Nós não nascemos no corpo errado, somos criação de Deus, e ele nos fez a imagem e semelhança. Glória a Deus por você acordar para Cristo!

Comentário 16: Sou ex-lésbica e Jesus também me libertou! Hoje me comporto e me visto realmente como Deus me fez: mulher.

Comentário 17: Deus te abençoe, sua aparência e voz até já mudou! Isso é Deus te restituindo ao que sempre foi.

Comentário 18: Ele perdeu muitos aspectos de feminilidade que tinha. É só Jesus para fazer isso. A verdadeira transformação de dentro para fora.

Essa estratégia discursiva reforça o lugar da cisgeneridade como fundamento implícito para uma normatividade. Paradoxalmente, o caráter da cisgeneridade, como uma ficção social potente, é exposto no próprio processo de *destransição* pública: a necessidade de cortar os cabelos, abdicar de certas vestimentas marcadas por gênero e se adequar a outras igualmente marcadas, evidenciam uma série de práticas para que a cisgeneridade seja efetivamente constituída e exercida. Embora, nestes discursos, a cisgeneridade compareça como premissa tácita subjacente aos juízos morais que louvam a *destransição*, poderíamos nos perguntar se os termos em que esta é apresentada (e o próprio fato de que ela atraia tantas reações públicas de endosso) não é sugestivo de sua fragilidade e da necessidade de que esta seja instituída na pele e no cotidiano – seja como um suposto fato da biologia, seja como verdade prescrita pela moral cristã.

Antes de prosseguir com a análise dos comentários, é importante fazer algumas considerações breves sobre como a categoria de cisgeneridade tem sido abordada, especialmente a partir das obras de pesquisadoras trans. Um exemplo é a dissertação *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*, de Viviane Vergueiro (2015). Neste trabalho, pioneiro nos estudos sobre cisgeneridade, Vergueiro destaca três traços constituintes interdependentes: pré-discursividade, binariedade e permanência. A pré-discursividade refere-se à maneira como o sexo é cientificamente elaborado, enfatizando a busca por sinais fisiológicos que possam definir inequivocamente os corpos como masculinos ou femininos. Esta visão reforça a ideia de que o sexo é uma categoria factual e inquestionável, baseada em valores e leituras ocidentais e eurocêntricas. A binariedade, por sua vez, sustenta a crença de que macho e fêmea devem ser categorias opostas e complementares. Essa divisão binária, essencial para a normalização

e naturalização dos corpos, estaria diretamente ligada a uma perspectiva colonial que tenta apagar a diversidade de gênero. Finalmente, o traço da permanência refere-se à premissa de que os corpos normais apresentam uma coerência fisiológica ou psicológica imutável ao longo do tempo, e também, contribui para a criação de um conjunto de saberes patologizantes que marginalizam aqueles que não se encaixam nessas normas.

Emília Braz (2022), discute o desenvolvimento e complexidade dos conceitos de cis<sup>5</sup> e trans, especialmente no contexto das discussões sobre gênero e corpo. Em síntese, a autora explora o surgimento do termo “cis” na década de 1990, destacando sua relação com a epistemologia e ativismo trans e travesti. O termo teria então, sido instrumentalizado por movimentos sociais para contestar a suposta naturalidade das categorias de sexo e gênero.

Paul B. Preciado (2022) contribui para esta problemática ao propor uma visão somatécnica do corpo e do gênero,<sup>6</sup> argumentando que sexo e gênero são tecnologias biopolíticas que atribuem e designam características corporais a partir de próteses culturais e sociais. Essa crítica se baseia na análise das tecnologias biopolíticas que moldam as identidades de gênero e os corpos, o que nos ajuda a questionar a suposta naturalidade associada à cisgeneridade como parte de um dispositivo biopolítico mais amplo dedicado à manutenção do binarismo de gênero e a um repúdio a construções do corpo e subjetividade que dele se afastem. A recente agenda política anti-trans cultivada entre setores da direita e extrema direita pode ser considerada parte integrante deste dispositivo.

Desta perspectiva, tanto a cisgeneridade quanto a transexualidade são vistas como status de gênero biopolítico, tecnicamente produzido e dependente de métodos de reconhecimento visual e controle morfológico. Podemos nos perguntar se a relevância concedida, na *destransição* pública de Manuel, a símbolos como a roupa e o cabelo, não pode ser tomada como expressão dessas estratégias biopolíticas de modelação e regulação estética dos corpos. Este binarismo de gênero parece ser muito caro a certas perspectivas religiosas cristãs – ainda que não esteja necessariamente presente em to-

---

<sup>5</sup> Um ponto crucial levantado por Braz (2022) é a emergência do termo “cis” na década de 1990, cunhado por Carl Buijs para descrever pessoas cujas identidades de gênero se alinham com o sexo designado ao nascer. Essa terminologia, segundo a autora, é fruto de interações sociais e movimentos/ativismos trans, indicando uma tentativa de questionar as normas preestabelecidas de gênero e sexualidade.

<sup>6</sup> Paul B. Preciado (2022), destaca a sofisticação da tecnologia contemporânea em apresentar-se como natureza. Isso sugere que as noções tradicionais de sexo e gênero são profundamente influenciadas por construções sociais e tecnológicas, ao invés de serem simplesmente fatos naturais. Essas tecnologias sociais, médicas e jurídicas incluem ultrassons, consultas médicas e até mesmo a escolha de nomes, todas destinadas a designar e regular os corpos de acordo com as normas de gênero; todo gênero é prostético por excelência.

das elas. Estes discursos que endossam a *destransição* de gênero postulam a existência de correspondências necessárias entre sexo biológico, gênero e desejo, de forma muito similar às terapias religiosas e laicas dedicadas à “cura gay”. Neste sentido, eles podem ser situados em uma zona de fronteira entre discursos religiosos cristãos e certos discursos laicos com pretensão à cientificidade.

Os comentários sobre a *destransição* pública de Manuel parecem, também, conferir grande centralidade a esta nos processos de construção da subjetividade. Parte dessas postagens sugere que a *destransição* seria uma negação do verdadeiro self do sujeito, motivada por premissas religiosas cristãs Vejamos:

Comentário 19: Deus não pede que a gente se anule. Ele pede que nos diminuamos para que Ele cresça. Espero que você encontre Deus sendo quem você é. Deus não é o senhor de mentiras. Ser quem a gente é não é uma mentira. E eles querem que você viva essa mentira. Espero que você encontre a verdade que é ser quem você é. Um abraço.

Comentário 20: Amigo, acho que você vai se arrepender, mas tudo bem. Deus quer você do jeito que você é. Ele te ama e quer que você ame os seus irmãos como Ele nos ama. Ele não te rejeitava como era, mas torço por você e você é luz.

Comentário 21: Eu não sou digna então? Por simplesmente ser eu mesma? Não entendo, juro! Sou da igreja e minha igreja não enfia nada na minha cabeça que eu tenha que deixar de ser quem eu sou para ser aceita no reino Dele. Queria ir nessa igreja sua para ver. Me convida?

Comentário 22: Ser trans não te afasta de Deus.

Comentário 23: Deus ama quem você é e não quem você finge ser.

Comentário 24: Eu sou gay, sou cristão, sou adorador, sou HOMEM, e Deus me aceita do jeito que eu sou, do jeito que ELE ME FEZ!

Comentário 25: Muito triste que a religião te convença a não ser quem você é. Me choca esse discurso de que não devemos viver quem nós somos, mas o que Deus quer. Eu não acredito nisso. Acredito que Deus nos ama como nós somos e da forma que somos felizes.

Em tais comentários, ao que parece, é o processo de *destransição* que figura como uma mentira que encobre a verdadeira essência do gênero. Neste caso, Deus ama a verdade que se manifesta nas vidas e corpos de pessoas LGBTI+, em contraponto ao Deus que abomina a mentira dessas identidades, enquanto delimita como verdadeira a matriz cisheteronormativa.

Os posicionamentos contrários à *destransição* parecem, antes de tudo, operar com uma valorização cultural da “autenticidade” (Trilling, 2014) como um bem, compreendida como uma dimensão crucial da pessoa. Não obstante, é possível questionar se algumas destas reações não poderiam implicar motivações de outro tipo, por um alinhamento ao ethos de defesa dos direitos sexuais de grupos minoritários. Poderíamos, aqui, remeter a uma comparação com o caso de Raíssa, narrado por Freire (2018). Raíssa era uma jovem mulher transexual que desejava desfazer sua mudança de registro civil, cujo anseio pela reversão da transição de gênero parece (ao menos em parte) ser uma resposta à transfobia de que esta mulher era alvo, aliada a uma percepção de que sua transição não teria sido integralmente bem-sucedida. Ela se depara com entraves legais e administrativos nesta empreitada, devido à necessidade de iniciar outro processo, em que precisaria comprovar para a justiça, com base em laudos psiquiátricos, que se percebia e sentia como “homem”, e não mais mulher. Raíssa acaba se suicidando antes de obter a alteração pleiteada. De modo similar ao procedimento adotado no presente artigo, Freire explora reverberações deste caso em redes sociais. O autor problematiza o ressentimento e juízos morais implícitos dos quais Raíssa, postumamente, foi alvo nestes comentários públicos, entendidos como parte de uma economia da dádiva. Nela, o acesso ao aparato médico-jurídico da transição de gênero colocaria a beneficiária em um lugar de dívida moral/socioemocional para com técnicos e ativistas que a ajudaram a obter esta conquista – do ponto de vista de defensores dos direitos de minorias sexuais e, ainda que indiretamente, também para com o Estado que estes representam. Fazendo uma analogia com o artigo de Freire, podemos nos perguntar se, no caso Catty Lares, reações negativas à *destransição* não poderiam estar igualmente atreladas a uma concepção da transição de gênero como um bem social escasso, cuja conquista deveria ser celebrada (motivo de “gratidão”), e cujo valor cultural é colocado em questão pela visibilização pública de projetos e anseios pessoais de reversão da transição.

É importante considerar, contudo, que a *destransição* pública perante grandes audiências pode ser um símbolo político poderoso nas mãos de opositores da agenda dos direitos sexuais, operando de modo análogo a discursos sobre a “transformação” ou “cura” da homossexualidade, como supressão e negação da possibilidade de constituição de subjetividades a partir de dissidências na esfera do gênero e da sexualidade (Natividade e Oliveira, 2013). Discursos em defesa da *destransição* têm potencial para reforçar convenções culturais cisheteronormativas e, deste modo, contribuir para a manutenção ou mesmo o recrudescimento de hierarquias sexuais. Como veremos adiante, este tipo de conexão política parece nitidamente comparecer como um pano de fundo para as controvérsias suscitadas pelo caso Catty Lares.

## A *destransição* pública: uma arena de disputas morais, religiosas e políticas sobre o gênero

Após o anúncio da *destransição*, Manuel se engajou em uma forma de testemunho religioso a partir desta experiência.<sup>7</sup> O testemunho, prática discursiva de disseminação da palavra de Deus em contextos evangélicos e católicos (Teixeira, 2011) ganha ênfase e tom distintos ao ser propagado por um influenciador nas redes sociais, pois parece atrair com muita velocidade manifestações que mimetizam e reverberam o testemunho inicial dado pelo influencer:

Comentário 26: Sou gay e por conta do testemunho dele decidi entregar minha vida a Deus. É difícil, mas Deus sabe de tudo e nos dá forças para vencermos!

Comentário 27 (Resposta ao comentário 26): Glória a Deus! Você vai conseguir, Deus é contigo!

Comentário 28 (Resposta ao comentário 26): você nunca foi gay... Você é criação de Deus! Seja forte. Jesus vai te dá escape para suportar. Eu pensei a minha vida toda que era inútil, o inimigo de nossa alma quer nos ver na podridão. Ele não tem pena de mim e nem de você, ele odeia a criação de Deus. Eu estou vencendo todos os dias!

A questão aqui, evidentemente, não é apurar a maior ou menor autenticidade dessas réplicas. Nosso intuito é considerar como essa proliferação discursiva oferece pistas sobre o modo como sexualidade e identidade de gênero têm sido focos centrais em disputas político-morais marcadas, sobretudo, por pânicos morais em relação aos direitos e agendas da população LGBTI+. Enquanto o comentário 28 desqualifica explicitamente a identificação como gay por meio da noção de “podridão”, os comentários 26 e 27 têm um tom mais alusivo que, não obstante, parece endossar uma visão positiva da *destransição* em detrimento da identificação como pessoa LGBTI+.

Sob este prisma, alguns comentários realizados em vídeos de Manuel podem evocar a tônica dessas disputas:

---

<sup>7</sup> Após declarar seu “casamento com Cristo”, Manuel não rompe completamente com a imagem de Catty Lares, evocando essa representação em vídeos que compartilha em seu perfil, em que demonstra ter encontrado um caminho melhor com Deus, fazendo uma alusão a vida de festas e bebidas que levava enquanto Catty Lares e contrastando-as com a vida na igreja como Manuel. Isto ocorre, ainda, a propósito de testemunhos que foi convidado a dar em eventos, cujas fotos de divulgação o apresentam como “Carlos Manuel” ou “Irmão Manuel” e o qualificam, em seguida, como “ex-Catty Lares”. Em um desses flyers, em meio às demais personalidades que participariam do evento, está a imagem de Manuel ao lado de uma foto sua antiga, como Catty Lares. A imagem de Catty Lares também é evocada durante os seus testemunhos, por meio de vídeos reproduzidos durante as falas.

Comentário 29: Como é que diz, meu amor: Oooh glória! Parabéns, Deus abençoe grandemente sua vida! Lembre-se, não ligue para os comentários negativos! Apenas siga firme que será recompensado! Conte comigo e mais uma coisa, sou transexual e essa comunidade que lhe julga não me representa.

Comentário 30: Seu testemunho vai inspirar milhões de vidas!

Comentário 31: Você é benção. É um instrumento poderoso nas mãos de Deus, Siga firme, Deus é contigo, varão.

Os comentários produzidos por páginas ou influenciadores de direita e/ou conservadores<sup>8</sup> são interessantes para pensarmos o modo como tais grupos têm se engajado a partir das pautas de gênero e sexualidades no contexto das redes sociais. Eles não estão dissociados de uma espécie de empreendimento moral de uma sociedade conservadora, de um projeto de país que tem sido cooptado por políticos de extrema-direita. Não obstante, para tais atores o processo de Manuel passa a se tornar uma ferramenta pública de defesa de um ideário de vida nos moldes religiosos e conservadores.<sup>9</sup> Mais que isso, atua como modelo a ser seguido, capaz de impactar outras pessoas – vistas por tais grupelhos como dissidentes de uma moral política e religiosa, em última instância, de um projeto de Estado-nação.

O fato de figuras assumidamente LGBTI+ assumirem tais posições, pode, em certo sentido, complexificar o debate. Uma das contas responsável por estes comentários é seguida por mais de 289 mil pessoas no Instagram, em perfil verificado onde a usuária se declarava como “Pré-candidata a vereadora de Rio Claro (SP)”, “transexual de direita” e evoca o lema “Deus, Pátria, Família e Liberdade”. Como ela, outras pessoas (LGBTI+ ou não) também tecem apoio irrestrito ao processo de Manuel e tentam construir um argumento segundo o qual as críticas evidenciam uma intolerância por parte de uma comunidade que pede por tolerância. Esses comentários, tendem por vezes, a tornar sinônimas as noções de “comunidade” e de “movimento” LGBTI+, retratando pessoas que criticam o processo de Manuel como intrinsecamente vinculadas

---

<sup>8</sup> Duas contas que adotam esse tipo de posicionamento são perfis informativos e de entretenimento no Instagram voltados ao público evangélico. Uma terceira conta é um perfil informativo dedicado à produção de conteúdo para o público que a página chama de “direita conservadora”, e possui 21,2 mil seguidores.

<sup>9</sup> Inicialmente, o influenciador apenas divulgava no Instagram o processo religioso/espiritual pelo qual passava. Contudo, em seus vídeos mais recentes, destaca-se o fato de que Manuel se engaja em um típico discurso religioso moral sobre a vida e a existência de pessoas LGBTI+, utilizando seu testemunho como ferramenta nesse contexto. Embora este não seja o foco principal do nosso artigo, é importante ressaltar esse ponto, pois pode indicar como tal ator está empenhado em constituir uma carreira moral/religiosa. Além disso, essa abordagem pode reforçar os comentários de páginas e influenciadores vinculados a agendas conservadoras, religiosas e políticas de ataque aos direitos, movimentos e pautas de pessoas LGBTI+.

ao movimento LGBTI+ que, sob tal ótica, é visto como intolerante. Este posicionamento dissocia tais pessoas autodeclaradas LGBTI+ da “comunidade” ou “movimento” LGBTI+, contra o qual estas demonstram rejeição. O movimento LGBTI+ surge, deste como, como um inimigo a ser combatido.

Em contrapartida, há pessoas que criticam a *destransição* acionando argumentos políticos sobre seus efeitos negativos para as vidas de pessoas LGBTI+ ou esmiuçando suas causas sociais, em que a transfobia é tanto a origem desse processo, como sua consequência.

Comentário 32: Essa doutrinação vem de anos se perpetuando cada vez mais. Quantas pessoas LGBT+ já se suicidaram por causa disso... No final elas percebem que fizeram tudo o que a Igreja as convenceu, mas não ficaram legitimamente felizes.

Comentário 33: Que mundo é esse que te faz suprimir quem você é para ser quem Deus quer? E quem me confirma que foi Ele mesmo que disse isso? Fundamentalismo religioso mata!

Comentário 34: Eu fico pasma ao ver alguém que poderia ter morrido vítima de transfobia, disseminando um discurso transfóbico! Tudo bem você ter feito sua escolha de seguir a doutrina da igreja, mas será que Deus se agrada com tamanha falta de empatia? E se o “Manuel” não tivesse a chance de ter mudado de ideia porque a “Catty” tivesse sido assassinada? Porque são discursos como esse que validam o preconceito e a violência! Você pode até sentir o amor de Deus, mas não aprendeu com ele!

Comentário 35: Não é porque seu testemunho é esse que o de outras pessoas também vai ser. Vivi minha vida inteira dentro da igreja evangélica, e de forma alguma sinto que preciso provar para o mundo que não sou uma mulher trans. Eu sou isso, ninguém pode dizer que não. Viver para Deus não quer dizer que você não vai pecar, e se você acha que ferindo o próximo com palavras inválidas vai te levar ao reino dos céus, reveja seus princípios. Repito, você precisa crescer mentalmente e espiritualmente. Existem pais expulsando os filhos de casa por “doutrinas” como essa que saíram da tua boca. Quando, ao meu ver, Deus faz o contrário que é acolher. A paz!

Comentário 36: Todo conteúdo precisa ser sobre isso? Cara, vai viver sua vida com Deus e pronto. Deixa a comunidade em paz! Quer enfiar guela a dentro o que acredita! Não é assim que se evangeliza ninguém não, se essa for sua intenção!

Comentário 37: Se ele parar de falar sobre LGBTQIA+ ele perde todo o conteúdo dele desta rede. Então insiste em falar asneiras e se negar a verdade.

Esses comentários salientam como o conteúdo das falas de Manuel sobre suas experiências pode alimentar discursos que desqualificam a transexualidade. Isto evidencia formas de desqualificação e controle empreendidas pela religião sobre tudo aquilo que diverge de um modelo normativo de gênero. Como se demonstrou por meio de comentários feitos por usuários do Instagram no perfil de Manuel que se opõem aos que foram transcritos nesse trecho, pessoas LGBTI+ são vistas como passíveis de cura ou regeneração por intermédio da vivência religiosa e, assim, de uma restituição da normalidade heterossexual (Natividade, 2006).

Esse conjunto de comentários evidencia, assim, a complexidade dos efeitos que o compartilhamento desse processo de destransição em plataformas sociais digitais. Esses efeitos assumem outra proporção quando o processo parte de uma pessoa com grande número de seguidores, engajamento e poder de influência, já que se estendem sobre aspectos políticos e sobre a vida de outras pessoas LGBTI+. Os efeitos são fruto da publicização da experiência religiosa de Manuel em vídeos nos quais ele fala sobre suas experiências com Deus, sua vivência na igreja, mas também vídeos em que ele conta sobre sua cirurgia de retirada das próteses ou sobre o procedimento de retirada da micropigmentação na sobrancelha. Somados às reações das pessoas que acompanham todo o processo e se envolvem a partir das ferramentas disponíveis nas redes sociais, como comentários, curtidas e compartilhamentos.

Nos últimos anos, o panorama político e epistemológico tem sido profundamente influenciado pelas novas tecnologias da comunicação, culminando em uma intersecção entre verdade, política e tecnologia. Ao revisitar obras clássicas da antropologia e incorporar perspectivas contemporâneas das ciências da complexidade, Cesarino (2022) compreende a crise na verdade e na política como fenômenos interligados, influenciados pela cibernética, algoritmos e movimentos sociopolíticos como o bolsonarismo. Adotando uma abordagem interdisciplinar, fundamentada nas ciências da complexidade, a autora busca transcender as limitações dos modelos lineares de compreensão da verdade e da política. A temporalidade não-linear nos convida a repensar as narrativas estáticas, reconhecendo a dinâmica intrínseca das relações sociotécnicas. A crise da verdade, fissura ou até mesmo suspensão de paradigmas na política emerge como um sintoma dessa complexidade, exigindo uma análise que reconheça de que forma as tramas da digitalização da vida possui repercussões políticas, podendo mesmo reconfigurar seu funcionamento através de nichos e algoritmos.

Por esse caminho, a digitalização da política desempenha um papel fundamental na reconfiguração dos processos políticos contemporâneos. A análise sociotécnica proposta por Cesarino (2022) reconhece a centralidade dos algoritmos, da internet e dos movimentos sociopolíticos na formação de uma nova paisagem política. Ao destacar o erro nas previsões das eleições de 2018, revela-se em conjunto a falha dos modelos tradicionais que negligenciaram a influência dos agentes digitais, como os bolsonaris-

tas, na formulação do resultado eleitoral. Nesse sentido, Cesarino toma emprestada a noção de antiestrutura, de Victor Turner, fornecendo um arcabouço teórico para compreender a dinâmica sociotécnica emergente, mas também de fissuras ao funcionamento político em voga até então. Ao analisar movimentos antivacina, o bolsonarismo e teorias da conspiração, a autora identificou uma tentativa de subverter os modelos de reconhecimento universal em favor de modelos bifurcados, ligados a uma antiestrutura. Essa dinâmica reflete não apenas uma polarização política, mas também uma reconfiguração dos padrões de verdade e legitimidade na era digital.

Neste artigo, analisamos o modo como a interseção entre verdade, política e tecnologia tem desempenhado um papel fundamental na reconfiguração dos ataques a identidades LGBTI+. Conforme argumentamos, a digitalização da sociedade, marcada pela influência dos algoritmos, da internet e dos movimentos sociopolíticos religiosos, desempenha um papel central nesse processo.

## Considerações finais

O caso aqui analisado evidencia como as redes sociais têm sido uma arena em que verdades sobre o gênero e a sexualidade são constituídas e disputadas. Os comentários e embates de usuários a respeito da *destransição* de Manuel, em certo sentido, dizem respeito a concepções morais, políticas e religiosas sobre gênero e sexualidade – estes materiais apontam para um policiamento e regulação das fronteiras do gênero, tanto a partir de perspectivas ditas “conservadoras”, quanto outras mais “progressistas”.

Intensos debates e controvérsias públicas sobre gênero e sexualidade têm sido deflagrados, no Brasil, acompanhando a recente ascensão da extrema-direita no país. Movimentos políticos com agendas plurais e divergentes parecem se alinhar na construção de políticas sexuais anti-LGBTI+, elegendo como alvos principais as pessoas trans, em um processo que não é meramente nacional, mas transnacional (Paternotte e Kuhar, 2018). A controvérsia pública sobre a *destransição* de Manuel está situada neste cenário mais abrangente, evocando gramáticas morais, políticas e religiosas que colocam em evidência disputas sobre a verdade do corpo, do gênero e da sexualidade. Discursos evangélicos conservadores apresentam os depoimentos sobre *destransição* como modelo a ser seguido, como testemunho capaz de “impactar várias vidas” – na concepção destes grupos, efeito positivo sobre a restituição de um corpo ou uma pessoa feita à imagem e semelhança de Deus. Por sua vez, outros usuários(as), por meio de uma desconfiança sobre a *destransição*, também se engajam nas definições de verdades ou mentiras sobre o gênero/sexualidade permeadas por fundamentos religiosos/morais, o que pode ser notado em muitas narrativas centrais em que “Deus” nos “aceita e nos ama” como nós somos (pessoas LGBTI+). Há ainda, perfis que fazem

uma espécie de denúncia da cisheteronormatividade explícita em processos como o de Manuel, fomentados por entidades e grupos religiosos/políticos, além de pontuar como isto é nocivo a vidas de pessoas LGBTI+, caracterizando-os como práticas/discursos homotransfóbicos.

Assim, o caso em questão é uma janela privilegiada para compreensão de como diferentes grupos e atores sociais estão empenhados em uma regulação moral, política e religiosa sobre gênero e sexualidades situados no contexto de plataformas digitais. Tudo se passa como se estivéssemos testemunhando a emergência de um ponto de inflexão nas políticas sexuais, em que a regulação da transição de gênero, e da própria definição do que é ou não o gênero, parece cada vez mais ocupar o centro das disputas.

Por fim, cabe frisar que, como pesquisadoras e pesquisadores LGBTI+, estamos intrinsecamente implicados nessas disputas, que, em última instância, dizem respeito às nossas próprias vivências e aos direitos que reivindicamos. Nesse sentido, embora empenhados em mapear e compreender os distintos posicionamentos suscitados pelo caso Catty Lares, não estamos sugerindo uma relativização ética da assim chamada *destransição* de gênero. Pelo contrário: esperamos que nossa escrita posicionada contribua na exposição dos discursos sobre a *destransição* como ferramentas de controle político e social, particularmente quando instrumentalizadas em redes conservadoras no contexto de disputas que envolvem a existência e a legitimidade das vidas de pessoas LGBTI+.

Recebido: 18/06/2024  
Aceito para publicação: 22/10/2024

## Referências bibliográficas

- BRAZ, Emília. 2022. *O normal é tecnológico: a cisgeneridade como somatécnica*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CESARINO, Leticia. 2022. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora.
- FREIRE, Lucas. 2018. “Dos limites de uma promessa: reflexões sobre a ‘terapia de mudança de sexo’”. In: RANGEL, Everton; FERNANDES, Camila; LIMA, Fátima. (orgs.). *(Des) prazer da Norma*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, pp. 67-92.
- GIUMBELLI, Emerson. 2014. *Símbolos religiosos em controvérsia*. São Paulo: Terceiro Nome.
- GONÇALVES, Marco Antônio. “Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens”. In: GONÇALVES, Marco Antonio; CARDOSO, Vania; MARQUES, Roberto. (org.). *Etnobiografia: subjetividade e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. pp. 12-37.
- HARAWAY, Donna. 1991. *Simians, cyborgs and women: The reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991.
- HARAWAY, Donna. 1995. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, pp. 7-41.
- KOFES, Sueli. 2022. Grafias de vida e morte, e Ishi como um meshwork. *Frontería: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada*, vol. 3, n. 4, pp. 96-134.
- LATOUR, Bruno. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. 1ª ed. Salvador: Edufba.
- MAFRA, Clara. 2000. Relatos compartilhados: Experiências de conversão ao pentecostalismo entre brasileiros e portugueses”. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, vol. 6, nº 1, pp. 57-86. DOI 10.1590/S0104-93132000000100003.
- MARCUS, George E. 1995. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. *Annual review of anthropology*, vol. 24, n. 1, pp. 95-117. DOI 10.1146/annurev.an.24.100195.000523
- NATIVIDADE, Marcelo. 2006. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 21, pp. 115-132. DOI 10.1590/S0102-69092006000200006
- NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. 2013. *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro, Garamond.
- OLIVEIRA, Leandro. 2023. “A Vida Afetiva dos Antropólogos: etnografia e escritas de si na pesquisa sobre sexualidades, gênero e família”. In: SARAIVA, Luis A. S.; PESSOA, Sônia C.; MANTOVANI, Camila M. C. A. (Orgs.). *Metodologias Vulneráveis*. Cachoeirinha: Editora FI, pp. 212-257.

- PATERNOTTE, David; KUHAR, Roman. 2018. Ideologia de gênero em movimento. *Revista Psicologia Política*, vol. 18, n. 43, pp. 503-523.
- PRECIADO, Paul B. 2022. *Dysphoria Mundi*. Barcelona: Anagrama.
- RAPPORT, Nigel; OVERING, Joanna. 2007. "Narrative". In: RAPPORT, Nigel; OVERING, Joanna. *Social and cultural anthropology: The key concepts*. Londres/Nova York: Routledge, p. 283-290.
- RUBIN, Gayle. 1984. "Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality". In: VANCE, Carole. (ed.). *Pleasure and danger: toward a politics of sexuality*. Boston: Routledge & Kegan Paul, pp 267-319.
- TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. 2011. *A construção social do "ex-bandido": um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- TRILLING, Lionel. 2014. *Sinceridade e autenticidade: a vida em sociedade e a afirmação do eu*. São Paulo: É Realizações.
- VERGUEIRO, Viviane. 2015. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação de mestrado em Cultura e Sociedade. Salvador: Universidade Federal da Bahia.